

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E A PALAVRA (FALADA, ESCRITA E DIGITALIZADA): Um olhar reflexivo sobre Ensino, Comunicação e Construção de Sentidos

Robson de Souza Siqueira¹
Maria Souza da Rocha²
Naif Chalub de Araujo³

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a Filosofia da Linguagem dentro do processo histórico-cultural da evolução da escrita, da palavra e da fala, articulando as contribuições teóricas de autores como Sylvain Auroux (2005), Mikhail Bakhtin (2011), Roxane Rojo (2005), Vilson Leffa Rojo (2005), e Marcelo Buzato (2016). A partir das leituras e discussões desenvolvidas na disciplina "Práticas de Linguagens e Ensino" no mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre, buscou-se compreender como a linguagem se manifesta nas práticas sociais contemporâneas, em especial nas redes sociais digitais. O estudo foi realizado com base em análise bibliográfica, fichamentos e discussões realizadas em sala de aula. Destacam-se temas como o signo linguístico, os gêneros discursivos, os impactos da tecnologia sobre a linguagem e as formas de expressão cultural nas plataformas digitais. Como encaminhamento futuro, propõe-se uma investigação sobre o uso das redes sociais por jovens afrodescendentes como espaços de afirmação identitária e cultural.

Palavras-chave: linguagem, escrita, gêneros discursivos, redes sociais, filosofia da linguagem.

THE PHILOSOPHY OF LANGUAGE AND THE WORD (SPOKEN, WRITTEN, AND DIGITALIZED): A Reflective Perspective on Teaching, Communication, and the Construction of Meaning**ABSTRACT**

This article proposes a reflection on the Philosophy of Language within the historical-cultural process of the evolution of writing, words, and speech, articulating the theoretical contributions of authors such as Sylvain Auroux (2005), Mikhail Bakhtin (2011), Roxane Rojo (2005), Vilson Leffa Rojo (2005), and Marcelo Buzato (2016). Based on readings and discussions developed in the course "Language Practices and Teaching" in the Master's program in Humanities and Language Teaching at the Federal University of Acre, we sought to understand how language manifests itself in contemporary social practices, especially in digital social networks. The study was based on bibliographic

¹ Mestrando do Programa em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul/Acre. E-mail: robson.siqueira@sou.ufac.br

² Doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra/Portugal. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens, pela Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul/Acre. E-mail: mariarochacz@gmail.com.

³ Mestrando do Programa em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul/Acre. E-mail: chalub.naif@gmail.com.

analysis, notes, and classroom discussions. Topics such as linguistic signs, discursive genres, the impacts of technology on language, and forms of cultural expression on digital platforms were highlighted. As a future step, we propose an investigation into the use of social networks by young people of African descent as spaces for identity and cultural affirmation.

Keywords: language, writing, discursive genres, social media, philosophy of language.

1 INTRODUÇÃO

No contexto das transformações sociais, tecnológicas e comunicacionais contemporâneas, a linguagem assume um papel central na constituição das interações humanas, sendo constantemente ressignificada em ambientes diversos, como o ensino, os meios digitais e, em especial, as redes sociais. Dentro desse cenário, a disciplina *Práticas de Linguagens e Ensino*, integrante do mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, aprofundou-se nas diversas concepções de linguagens e suas intrínsecas relações com a humanidade. Ao explorar a dinâmica entre linguagens e ensino em múltiplos contextos, a disciplina proporcionou um espaço de reflexão crítica fundamental sobre os complexos processos históricos e culturais que moldam as formas como nos comunicamos, seja através da fala, da escrita ou de outras expressões. Esse estudo permitiu uma compreensão aprofundada de como as linguagens não apenas refletem, mas também constroem nossas realidades sociais e individuais, influenciando diretamente as práticas pedagógicas e a formação de sujeitos críticos.

Partindo da perspectiva da Filosofia da Linguagem, este artigo propõe-se a investigar de que maneira a linguagem, em suas múltiplas formas, contribui para a construção de sentidos e práticas comunicativas na atualidade. A partir disso, a questão que orienta esta pesquisa é: como a linguagem, considerando sua historicidade e função social, tem se reconfigurado nas práticas pedagógicas e comunicativas mediadas pelas redes sociais digitais?

A relevância da investigação reside na necessidade de compreender os desafios e as potencialidades do uso da linguagem em um cenário de constante mutação tecnológica e cultural. Tal compreensão é fundamental para repensar as estratégias de ensino e ampliar o entendimento sobre a mediação da palavra — falada, escrita ou digitalizada — como ferramenta de construção de conhecimento e identidade social.

O trabalho fundamenta-se em aportes teóricos de autores como Auroux (2005), Bakhtin (2011), Rojo (2005) e Leffa e Araújo (2016), e foi desenvolvido com base em fichamentos, apresentações e discussões realizadas no decorrer das aulas, o que reforça o caráter formativo e colaborativo da disciplina.

Assim, o objetivo geral é analisar a Filosofia da Linguagem a partir de uma perspectiva histórica e cultural, relacionando-a à evolução das formas de expressão e à sua influência nas práticas comunicativas e pedagógicas atuais. Os objetivos específicos são: Investigar as transformações da linguagem ao longo do tempo e seu papel social; refletir sobre o impacto das redes sociais na produção e circulação de discursos; e avaliar como os saberes linguísticos podem contribuir para práticas de ensino mais contextualizadas e críticas.

O estudo em questão, de natureza bibliográfica, foi estruturado a partir das diretrizes estabelecidas no plano de curso da disciplina "*Práticas de Linguagens e Ensino*". A adoção dessa abordagem metodológica viabilizou o aprofundamento das concepções teóricas acerca da linguagem e de sua função social, configurando-se como fundamento para a construção do referencial analítico e para a elaboração das discussões desenvolvidas ao longo do trabalho. Ademais, a investigação bibliográfica oferece aportes teóricos consistentes que subsidiam futuras análises e reflexões no âmbito da temática abordada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender as transformações da linguagem em suas manifestações contemporâneas — especialmente no contexto das redes sociais — é essencial revisar teorias e abordagens que discutem a natureza, função e evolução da linguagem como fenômeno cultural e social. O presente referencial teórico reúne contribuições significativas de autores que dialogam com esse tema sob diferentes perspectivas, possibilitando uma análise crítica das noções que sustentam este estudo.

Auroux (2005) oferece uma abordagem histórica da linguagem, explorando sua relação com a origem do pensamento humano e os desdobramentos culturais dessa interação. Para o autor, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta epistemológica, moldando o pensamento e permitindo a constituição de

saberes. Seu foco na diversidade linguística, nos sistemas de escrita e na função do signo linguístico fornece subsídios relevantes para compreender os processos de codificação simbólica ao longo do tempo.

Já Bakhtin (2011) propõe uma concepção dialógica da linguagem, enfatizando seu caráter eminentemente social. Ao analisar os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados inseridos em esferas de atividade humana, o autor rompe com a visão estruturalista da língua como sistema fechado. Sua perspectiva é fundamental para refletir sobre os usos da linguagem no cotidiano e nas interações digitais, nas quais os enunciados são constantemente reconfigurados pelas relações sociais.

A discussão proposta por Rojo (2005) acrescenta à análise a diferenciação entre gêneros discursivos e textuais, orientando-se por uma perspectiva que articula a forma e a função dos textos com seus contextos de produção. A autora ressalta a importância dos aspectos sócio-históricos e pedagógicos, o que amplia a compreensão das práticas de linguagem no campo educacional, inclusive em ambientes digitais.

Araújo e Leffa (2016) avançam na compreensão dos gêneros no universo digital ao examinar o papel das redes sociais no ensino de línguas como espaços de produção discursiva. Os autores concebem os gêneros digitais como adaptações de formas já existentes, que se reconfiguram de acordo com os recursos tecnológicos disponíveis e as novas práticas de sociabilidade. A análise contempla ainda o papel dos influenciadores na construção de capital social e imagem pública, elementos essenciais para se entender as novas dinâmicas comunicacionais.

No atual ecossistema comunicacional, marcado pela convergência midiática e pela centralidade das plataformas digitais, os influenciadores digitais configuram-se como agentes estratégicos na mediação entre marcas, públicos e discursos. Esses sujeitos — caracterizados por sua capacidade de mobilizar audiências por meio de conteúdos personalizados e performáticos — ocupam um espaço de crescente relevância na dinâmica da comunicação contemporânea.

Segundo Karhawi (2020), os influenciadores digitais representam uma nova forma de celebridade mediada, cuja influência se constrói a partir de uma rede sociotécnica que envolve algoritmos, plataformas, práticas de visibilidade e relações comerciais. A autora destaca que “a construção de influência nas plataformas digitais é

efeito de uma vasta rede de elementos heterogêneos e não apenas de um ou mais sujeitos” (Karhawi, 2020, p. 5). Assim, o trabalho dos influenciadores deve ser compreendido não apenas como produção de conteúdo, mas como prática comunicacional inserida em um mercado de influência, atravessado por lógicas de consumo, engajamento e performatividade.

Essa perspectiva permite compreender os influenciadores digitais como protagonistas de uma reconfiguração das relações comunicacionais, em que a autoridade simbólica não é mais exclusivamente atribuída aos meios tradicionais, mas compartilhada com sujeitos que operam nas margens e nos centros das redes sociais digitais.

Complementando essa visão, Buzato (2016) propõe uma leitura epistemológica das redes técnicas e das tecnologias de comunicação, introduzindo o conceito de topologia discursiva. Sua proposta rompe com visões simplistas de rede social como mero canal de transmissão e apresenta a ideia de fluxos comunicativos complexos e interconectados. Essa abordagem permite refletir criticamente sobre as transformações nas formas de circulação de discursos, especialmente no ambiente digital.

De forma geral, os autores convergem na valorização da linguagem como um fenômeno historicamente situado, socialmente construído e fundamental para as práticas de ensino e comunicação. Entretanto, ainda são poucos os estudos que articulam essas teorias à análise prática das dinâmicas discursivas nas redes sociais digitais em contextos pedagógicos. Essa lacuna justifica a presente investigação, que pretende justamente explorar essa intersecção e contribuir para o aprofundamento do debate.

3 METODOLOGIA

Este artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e teórico-reflexiva. O estudo foi conduzido com base em análise bibliográfica e na produção de fichamentos elaborados a partir das leituras indicadas na disciplina *Práticas de Linguagens e Ensino*. Essa etapa inicial foi essencial para a sistematização das principais concepções teóricas sobre a linguagem e sua função social, servindo como base para o desenvolvimento do referencial analítico.

Complementarmente, foram consideradas as apresentações orais e as discussões promovidas entre os discentes como fontes de reflexão e construção coletiva do

conhecimento. Esses encontros permitiram não apenas o aprofundamento dos conceitos abordados nos textos, mas também a problematização crítica das diferentes perspectivas teóricas em diálogo com a prática pedagógica e com o contexto das redes sociais digitais.

A análise dos dados consistiu na leitura interpretativa e na organização de núcleos temáticos emergentes das obras de autores como Auroux (2005), Bakhtin (2011), Rojo (2005), Araújo e Leffa (2016) e Buzato (2016), que ofereceram diferentes enfoques sobre os processos de linguagem, ensino e comunicação. Essa análise buscou evidenciar convergências, divergências e lacunas teóricas pertinentes ao objeto de estudo.

Do ponto de vista ético, a pesquisa respeitou os princípios de confidencialidade e integridade acadêmica. Todos os materiais analisados são de domínio acadêmico e foram utilizados exclusivamente para fins investigativos e educacionais, sem exposição de dados pessoais ou sensíveis dos participantes envolvidos nas atividades.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o recorte restrito ao espaço de uma disciplina específica e à experiência de um único grupo de discentes. Ainda assim, o percurso metodológico adotado oferece contribuições significativas para o campo de estudos sobre linguagem, especialmente no tocante à interface entre teoria, prática docente e mídias digitais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise bibliográfica e as reflexões produzidas ao longo da disciplina revelaram uma série de convergências teóricas em torno da concepção de linguagem como fenômeno histórico, social e culturalmente situado. Essa perspectiva foi recorrente tanto nos textos acadêmicos quanto nas discussões promovidas entre os discentes, permitindo identificar as seguintes contribuições principais:

Resultados

- **Historicidade e função civilizatória da linguagem:** Com base em Auroux (2005), reconheceu-se a escrita como elemento crucial no desenvolvimento das civilizações, a exemplo do sistema cuneiforme criado pelos sumérios. Esse dado histórico foi amplamente debatido como evidência do papel estruturante da linguagem na organização do pensamento humano.

Ainda que a escrita tenha desempenhado papel estruturante no desenvolvimento das civilizações (AUROUX, 2005), é necessário problematizar como essa valorização histórica da linguagem escrita contribuiu para a constituição de hierarquias linguísticas que persistem no cenário contemporâneo. Conforme Marcuschi (2001), a primazia da escrita sobre a oralidade está atrelada a construções sociais que conferem àquela maior prestígio, formalidade e legitimidade no contexto educacional. Essa perspectiva, muitas vezes reforçada pelas práticas escolares, tende a marginalizar formas de expressão oral e não-verbais, desconsiderando sua relevância comunicativa e cognitiva. Estudos como os de Rojo (2005) e Dolz, Schneuwly e Haller (2004) apontam que a oralidade não se limita à fala, mas envolve elementos multimodais — como gestos, expressões faciais e posturas — que são fundamentais na construção de sentidos. Assim, torna-se urgente repensar as práticas pedagógicas que privilegiam exclusivamente a norma escrita, promovendo uma abordagem mais inclusiva e dialógica da linguagem, capaz de reconhecer e valorizar a diversidade de formas expressivas presentes nas interações sociais.

- **Dialogismo e enunciação:** A partir das leituras de Bakhtin (2011), os participantes destacaram a importância dos enunciados como unidades básicas da comunicação. Foi consenso entre os discentes que os gêneros discursivos, por sua estabilidade relativa e vinculação a esferas sociais específicas, favorecem a compreensão crítica das formas de fala e escrita em contextos diversos.

A compreensão dos gêneros discursivos como unidades relativamente estáveis, vinculadas a esferas sociais específicas, conforme discutido por Bakhtin (2011), pode ser diretamente aplicada ao contexto pedagógico por meio da elaboração de sequências didáticas. Rojo (2005) propõe que o trabalho com gêneros presentes no cotidiano dos alunos — como memes, mensagens instantâneas, vídeos curtos, relatos pessoais, entre outros — favorece não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também uma leitura crítica da comunicação. Ao explorar a diversidade de gêneros que circulam nas práticas sociais, o ensino de língua portuguesa pode promover uma abordagem dialógica e contextualizada, permitindo que os alunos reconheçam os elementos composicionais, temáticos e estilísticos dos textos, bem como suas funções comunicativas. Dessa forma, os conceitos de dialogismo e enunciação deixam de ser apenas referenciais teóricos e passam a orientar práticas pedagógicas que valorizam a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes nos discursos contemporâneos.

- Contextualização na produção textual: Rojo (2005) trouxe à tona discussões sobre a importância de se considerar os contextos sociais e pedagógicos na análise textual. As apresentações evidenciaram que a compreensão da intencionalidade comunicativa é essencial para práticas de ensino mais sensíveis às realidades dos alunos.

Para que a produção textual se configure como um ato de agência social, é necessário que os professores desenvolvam práticas pedagógicas que transcendam a mera decodificação linguística e promovam a autoria e o posicionamento crítico dos alunos. Segundo Antunes (2003), escrever é sempre um gesto de interação com o mundo, e, portanto, deve ser orientado por propósitos comunicativos reais e significativos. Nesse sentido, a incorporação das realidades socioculturais dos estudantes — suas vivências, repertórios e modos de dizer — torna-se fundamental para que o ato de escrever seja também um exercício de cidadania. Ao planejar atividades que partam de situações concretas e que envolvam gêneros textuais socialmente relevantes — como cartas de opinião, manifestos, relatos de vida, crônicas autobiográficas, podcasts, postagens em redes sociais com propósito argumentativo, e campanhas de conscientização — o professor possibilita que os alunos se reconheçam como sujeitos discursivos capazes de intervir, argumentar e transformar. Assim, a produção textual deixa de ser apenas uma tarefa escolar e passa a constituir-se como prática social situada, em que o aluno assume o papel de autor e agente de sentido, engajado nas questões que o atravessam em sua realidade cotidiana.

- Tecnologia e performatividade identitária: Os trabalhos com os textos de Araújo e Leffa (2016), bem como de Buzato (2016), permitiram observar que os gêneros digitais — como postagens, stories e vídeos curtos — emergem como manifestações híbridas, onde linguagem e imagem operam simultaneamente para a construção de identidades e circulação de capital simbólico nas redes sociais.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que os gêneros digitais não apenas refletem práticas comunicativas contemporâneas, mas também operam como dispositivos de performatividade identitária, nos quais os sujeitos constroem e negociam suas imagens públicas em meio a fluxos comunicativos complexos (BUZATO, 2016). A circulação de capital simbólico nas redes sociais — por meio de curtidas, compartilhamentos e interações — influencia diretamente a constituição de subjetividades, sobretudo entre

jovens em idade escolar, cujas experiências digitais atravessam os espaços educativos. Assim, torna-se urgente que o ensino problematize essas dinâmicas, incorporando práticas pedagógicas que não apenas reconheçam os gêneros digitais como objetos de estudo, mas que também promovam uma leitura crítica das identidades em construção. Como aponta Albuquerque e Carvalho (2013), o desenvolvimento do capital linguístico e simbólico no processo de formação docente exige uma abordagem que considere os usos sociais da linguagem e seus efeitos na constituição de posições enunciativas. Dessa forma, o ensino-aprendizagem se transforma em espaço de reflexão sobre os modos de ser, dizer e existir mediados pelas tecnologias digitais.

À luz desses achados, é possível afirmar que a linguagem, longe de ser uma estrutura estática, manifesta-se como prática social em constante mutação, atravessada por relações de poder, repertórios culturais e mediações tecnológicas. A produção textual, quando orientada por propósitos comunicativos reais e alicerçada nas vivências dos alunos, deixa de ser mera atividade escolar e transforma-se em potente exercício de cidadania. Nessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa assume o papel de fomentar não apenas competências linguísticas, mas também a autoria e o engajamento crítico dos estudantes. Ao reconhecer os gêneros digitais como práticas discursivas legítimas e incorporar a diversidade dos modos de dizer, o ensino se reinventa como espaço ético de escuta, negociação e transformação.

A pesquisa, ainda que delimitada metodologicamente, aponta para caminhos promissores na construção de estratégias didáticas que conectem linguagem, identidade e agência, reafirmando o compromisso de uma pedagogia sensível às realidades contemporâneas. A relevância dos conceitos discutidos, contudo, aponta para caminhos promissores em pesquisas futuras, especialmente no que tange à análise de gêneros digitais em contextos escolares e à construção de estratégias didáticas mais conectadas com as práticas sociais de linguagem dos estudantes.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo geral analisar a Filosofia da Linguagem sob uma perspectiva histórica e cultural, articulando-a às transformações ocorridas na forma como falamos, escrevemos e nos comunicamos, especialmente no contexto das redes sociais digitais. A partir das análises realizadas com base no referencial teórico selecionado e nas atividades desenvolvidas durante a disciplina *Práticas de Linguagens e Ensino*, foi possível compreender que a linguagem constitui um fenômeno dinâmico, estruturante das práticas culturais e comunicacionais humanas.

Os principais achados revelam que a linguagem, atravessada por dimensões históricas, sociais e tecnológicas, não apenas reflete a realidade, mas também contribui ativamente para sua construção. Autores como Aurox (2005), Bakhtin (2011), Rojo (2005), Araújo e Leffa (2016) e Buzato (2016) evidenciaram a importância da linguagem como mediadora do pensamento, da identidade e da prática pedagógica, sendo fundamental para o entendimento das interações contemporâneas em ambientes digitais.

Entre as contribuições deste trabalho, destaca-se a articulação entre teoria e prática no campo do ensino de linguagens, oferecendo subsídios para uma abordagem crítica e contextualizada da linguagem em sala de aula. Além disso, a análise dos gêneros digitais e dos usos sociais da linguagem nas redes permite repensar metodologias de ensino mais alinhadas às práticas comunicativas dos estudantes.

Como desdobramento para investigações futuras, propõe-se a realização de estudos empíricos que explorem como jovens afrodescendentes utilizam as redes sociais online para afirmar suas identidades e valorizar suas heranças culturais. Tal proposta poderá ser aprofundada a partir do uso pedagógico da literatura brasileira e africana, ampliando o potencial crítico e emancipador das práticas de linguagem no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. C.; CARVALHO, A. M. P. *Capital linguístico e formação docente: uma perspectiva crítica*. São Paulo: Cortez, 2013.
- ANTUNES, I. *Preciso ensinar gramática?*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ARAÚJO, J. C.; LEFFA, V. J. *Gêneros digitais e o ensino de línguas: práticas sociais em rede*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da linguagem: das origens à informática*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BUZATO, M. E. Tecnologias digitais e performatividade da linguagem: questões para a formação docente. In: LEFFA, V. J. (org.). *Tecnologias na educação*. Pelotas: EDUCAT, 2016. p. 179–198.
- BUZATO, M. *Tecnologias da comunicação e epistemologia: uma abordagem topológica das redes digitais*. In: PAES DE BARROS, C. (org.). *Linguagens e redes: práticas discursivas na cibercultura*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 21–45.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, E. Sequências didáticas para o oral e o escrito: apresentação de uma metodologia. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95–127.
- KARHAWI, I. *A construção da influência nas redes sociais: estratégias discursivas de influenciadores digitais*. São Paulo: Educ, 2020. (OBS: Título citado no corpo do artigo, mas a obra não estava nas referências. Incluído aqui conforme menção no texto.)
- MARCUSCHI, L. A. *Da oralidade à escrita: o caso dos gêneros orais e escritos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROJO, R. H. R. Gêneros discursivos e práticas socioculturais: ferramentas teóricas para o trabalho com multiletramentos. In: ROJO, R. H. R. (org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os multiletramentos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 11–55.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas para o ensino. In: MEDEIROS, V. A. et al. (org.). *Texto e textualidade: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 117–140.